



A “LOUCURA DA LEITURA” DE DOM QUIXOTE NO ALIENISTA

Kétina Allen da Silva Timboni¹
Ruben Daniel Méndez Castiglioni

Resumo

No século XIX, muitos autores brasileiros se inspiraram na tradição literária europeia para fazer seus romances. Este trabalho aponta as semelhanças entre dois livros *O Alienista* de Machado de Assis e *Dom Quixote de la Mancha* de Miguel de Cervantes, considerando que ambas as personagens principais dessas obras são leitores aficionados, mas cada um pela leitura da moda de sua respectiva época: primeiro pelos romances de cavalaria e o segundo pelas leituras científicas do século XIX. O aspecto da “loucura da leitura” é vista nestes dois personagens e são comparados com trechos das obras, apontando que seus excessos de leituras eram justamente para saciar a sociedade de algum mal.

Palavras-chave: Loucura. Dom Quixote. Alienista.

1. Introdução

Este trabalho tem a intenção de fazer referência ao estudo começado por Riley², que inclui o nome de Machado Assis entre aqueles escritores influenciados pela prosa cervantina. Logo, tem como intenção agregar partes do *Alienista* que demonstram em quais momentos o personagem Simão Bacamarte tem atitudes quixotescas, articulando com a própria obra de Cervantes, *Dom Quixote de la Mancha*, mesmo que as obras se encontrem em períodos distantes.

Encerramos concordando com a ideia de que Machado era um leitor sério da obra de Cervantes. É sabido que ele tinha em seu acervo um exemplar de *Dom Quixote de La Mancha* - inclusive era seu livro de cabeceira - como bem aponta Maria Augusta Costa Vieira³. E não apenas porque tinha essa obra em sua casa que podemos fazer a sugestão, mas sim porque há outras características do livro de Cervantes na obra de Machado (que o faz ser considerado um gênio da Literatura Brasileira): seu tom de conversa com o leitor de e, inclusive, a noção de que o narrador não é sempre digno de confiança.

¹ Aluna do Curso de Letras-Licenciatura em Língua Portuguesa e Espanhola e bolsista do CNPq, orientada pelo professor Ruben Daniel Castiglioni, na disciplina de Literatura Espanhola I. E-mail: ketimboni@hotmail.com.

² Edward C. Riley foi um estudioso hispanista e cervantista inglês.

³ Maria Augusta da Costa Vieira é pesquisadora da obra cervantina e professora de Literatura Espanhola da USP, no texto *El Quijote en la prosa de Machado de Assis* publicado em 2004, que temos como referência neste trabalho.

2. Dois gênios

Machado de Assis, como é amplamente conhecido e sabido, nasceu em 1839, na periferia da cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente no Morro do Livramento pertencente a uma família portuguesa tradicional. Apesar de que suas condições sociais não fossem muito favoráveis, o autor seguiu seu rumo tornando-se um dos escritores mais reconhecidos na Literatura Brasileira, digno de ser nomeado o maior escritor brasileiro.

Já Dom Miguel de Cervantes é o autor da magnífica obra *Dom Quixote de La Mancha* considerada, por críticos literários, a melhor obra literária de todos os tempos. Cervantes nasceu no século XVI, mais precisamente no ano de 1547 em Alcalá de Henares. Diz a história que lutando como soldado na batalha de Lepanto, defendendo a Cristandade espanhola, perdeu sua mão esquerda por um tiro disparado por um inimigo turco. Além da perda de seu membro, nessa batalha, foi capturado e viveu cinco anos como escravo em Argel, resgatado em 1580 por seu pai por certa quantia de dinheiro. Anos mais tarde, publicou a primeira parte do *Dom Quixote de La Mancha* (1605) e a sua segunda parte de *Dom Quixote* (1615). No ano seguinte, Miguel de Cervantes morre, por causa desconhecida, obtendo sucesso de sua obra ainda em vida e que se estende até os dias de hoje.

3. As obras

Mesmo que pertençam a dois períodos distintos, de um espaço de tempo de quase trezentos anos, os textos de Machado e Cervantes que serão comentados apresentam algumas semelhanças que nos fazem pensar que Machado se inspirou em Cervantes para escrever *O Alienista*, publicado em 1882 no livro *Papéis Avulsos*, mas antes sido publicado em folhetim na revista *A Estação*.

Dom Quixote foi escrito numa época em que o mundo medieval estava em decadência, porém os ideais medievais assombravam as vidas dos leitores através das leituras de cavalaria. Estas leituras não desafiavam os seus leitores, pois são leituras fáceis as quais contam os feitos de cavaleiros medievais que sempre ganham os desafios a que se destinam. Neste contexto, Cervantes ofereceu a seus “desocupados leitores” um quebra-cabeça que não foi completo até nossos dias.

A obra trata de um fidalgo de aproximadamente cinqüenta anos que decide viver como se fosse um cavaleiro andante igual aos que conhecia de suas vastas leituras de romances de cavalaria. Com seu escudeiro Sancho Pança, Dom Quixote enfrenta moinhos de vento, pensando que são gigantes, hospeda-se em castelo que não passa de uma simples venda, solta presos achando que faz justiça, levando a si e seu escudeiro a muitas aventuras.

No início da obra, seu afã pelas leituras já nos é apontado. Sua fissura é tanta que Dom Quixote se descuida dos negócios e vende parte de suas terras para investir em mais livros de cavalaria, como podemos ver no trecho abaixo extraído do livro:

É pois de saber que este Fidalgo, nos intervalos que tinha de ócio (que eram os mais do ano, se dava a ler os livros de cavalarias, com tanta afeição e gosto, que se esqueceu quase de todo do exercício da caça, e até da administração dos seus bens; e a tanto chegou a sua curiosidade e desatino neste ponto, que vendeu muitos trechos de terra de sementeira para comprar livros de cavalarias [...] (CERVANTES, 2002, p.31).

Até que um dia Dom Quixote “[...] *do pouco dormir e do muito ler, se lhe secou o cérebro de forma que chegou a perder o juízo*” (CERVANTES, 2002, p.32) procura armadura, cavalo, um escudeiro para servir a sua terra e uma dama a quem dedicar seus feitos.

As pessoas com quem convive, sua sobrinha e sua ama ficaram preocupadas com o juízo de Dom Quixote e pediram auxílio para o barbeiro e o padre, para acharem um remédio para a “loucura” do velho fidalgo. A única saída encontrada por eles foi a de queimar os seus livros e fechar sua biblioteca, pois lá se encontrava o mal pela perda de juízo de Dom Quixote:

Pedi à sobrinha a chave do quarto em que estavam os livros ocasionadores do prejuízo; e ela que a deu de muito boa vontade. Entraram todos, e com eles a ama; e acharam mais de cem grossos e grandes volumes, bem encadernados, e outros pequenos. A ama, assim que deu com os olhos neles, saiu muito à pressa do aposento, e voltou logo com uma tigela de água benta e um hissope, e disse:

- Tome Vossa Mercê, Senhor Licenciado, regue esta casa toda com água benta, não ande por aí algum encantador, dos muitos que moram por estes livros, e nos encante a nós, em troca do que nós lhes queremos fazer a eles desterrando-os do mundo. (CERVANTES, 2002, p.50).

Como aponta o parágrafo, os livros são tão culpados pela loucura de Dom Quixote, que sua ama chega ao ponto de providenciar água benta, para afastar algum encantador que morasse nos livros e que não pudesse contagiá-los.

Já o conto do Machado de Assis se localiza no século XIX, tempos que foi tomado por novas teorias científicas relacionadas a várias áreas do conhecimento. Charles Darwin anuncia sua teoria evolucionista das espécies a qual se dá através da Seleção Natural, na obra *Origem das Espécies*. Karl Marx dá luz a uma ideia da evolução da vida econômica através de sua obra célebre *O capital*; além deles, Auguste Comte cria uma nova ciência a Sociologia e desenvolve sua filosofia positivista.

A crença desmedida da época no novo e este rigor técnico positivista são levados às últimas conseqüências pelo personagem Simão Bacamarte no conto *O Alienista*. Como Dom Quixote, Simão Bacamarte de Itaguaí, cidade do interior do Rio de Janeiro, também

apresenta um afã pela leitura, porém este último por outros tipos de leituras, as científicas: *Dito isso, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas.* (ASSIS, 2006, p.101) Contribuindo para esta ideia, acrescentamos o que Maria Augusta da Costa Vieira aponta:

Como em Dom Quixote, a loucura é o motor da ação do personagem central que se constrói sobre uma idéia fixa e sobre um heroísmo desproporcionado ao estilo dos grandes heróis épicos. Sua meta é tão descabida como a de Dom Quixote, que projeta restituir ao mundo a idade dourada. [...] Suas investidas ambiciosas, em prol de um projeto grandioso para o benefício de toda a humanidade [...]. (VIERA, 2004, p. 488).

Essa ideia da “loucura da leitura” como “motor” das ações das personagens, contribui para o direcionamento deste presente trabalho.

4. As duas obras

A entrega de Simão Bacamarte às leituras foi tanta que até mesmo a eleição de sua esposa, uma viúva chamada Evarista, foi feita baseada em seus termos técnicos, ainda que não fosse *bonita nem simpática*, porém com uma finalidade: a de que não pudesse se distrair com ela e então poder se dedicar mais à ciência. Assim como Dom Quixote que elege, Dulcinea Del Toboso, a sua dama se baseando num modelo de acordo com as leituras que fizera:

[...] explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte. (ASSIS, 2006, p.101)

Porém, o médico sofre a ironia machadiana e sua mulher não lhe dá os filhos desejados; nem estudando medicina direta da fonte, nos árabes, nem colocando sua esposa numa dieta especial: nada impediu *a total extinção da dinastia dos Bacamartes* (MACHADO, 2002, p.102). As condições apresentadas nos recordam a escolha de Dulcinéia para ser a dama de seus pensamentos, para quem ele pudesse dedicar os seus futuros feitos:

Chamava-se Aldonça Lourenço; a esta é que a ele pareceu bem dar o título de senhora dos seus pensamentos; e buscando-lhe nome que não desdissesse muito do que ela tinha, e ao mesmo tempo desse seus ares de princesa e grãsenhora, veio a chamá-la Dulcineia del Toboso, por ser Toboso a aldeia da sua naturalidade; nome este (em seu entender) músico, peregrino, e significativo, como todos os

mais que a si e às suas coisas já havia posto. (CERVANTES, 2002, p.34).

O próprio Sancho Pança, capítulos mais tarde, esclarece-nos sem os floreios de Dom Quixote quem é a lavradora Dulcineia Del Toboso que passa distante da ideia de ser uma dama de um cavaleiro andante:

- Tenha lá mão - disse Sancho -, pois a filha de Lourenço Corchuelo é que é a Sra. Dulcineia del Toboso, chamada por outro nome Aldonça Lourenço?

- Essa é - disse D. Quixote -, é essa a que merece ser senhora de todo o Universo.

- Bem a conheço - disse Sancho. - O que sei dizer é que atira tão longe uma barra como o mais alentado pastor daquele povo. Vive Deus, que é um raparigão de truz, direita e desempenada, e de cabelinho na venta, e que pode tirar as barbas de vergonha a qualquer cavaleiro andante ou por andar, que a tiver por sua dama. Filha da mãe! que rija dos nós! que vozeirão! O que posso dizer é que se pôs um dia no alto da torre da aldeia a bradar por uns moços da casa, que andavam longe numa courela do pai; e, ainda que estavam a mais de meia légua, ouviram-na como se a torre estivesse ali ao pé; e o melhor que tem é que não tem nada de nicas, porque é muito levantada, com todos caçoa, e de tudo faz galhofa. (CERVANTES, 2002, p.160).

As duas personagens, Quixote e Bacamarte escolhem suas mulheres para uma finalidade específica: uma para os princípios da cavalaria andante; e o outro a partir das qualidades físicas inspiradas nos preceitos da medicina.

Simão Bacamarte se entrega aos estudos de medicina, porém só uma área específica lhe chama atenção: a psiquiatria. A partir disso, surge em Simão a vontade de criar um lugar específico para tratar os loucos de Itaguaí, uma vez que a maneira da qual eram tratados, a seu parecer, não eram adequados:

[...] cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e, não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; os mansos andavam à solta pela rua. Simão Bacamarte entendeu desde logo reformar tão ruim costume; [...] (ASSIS, 2006, p.102).

De certa maneira, este parecer é coerente, pois sabemos que por aí deve de haver pessoas as quais não tem um comportamento socialmente aceito e vivem trancadas em suas casas, e simplesmente são consideradas loucas. Simão, como médico, reconhece que os métodos atuais não trazem melhoras para estas pessoas como podemos ver na citação acima. De certa forma ingênua, mas não menos humana Simão deseja descobrir um remédio universal para que todas as loucuras sejam curadas:

[...] O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade. (ASSIS, 2006, p.104).

Então, o médico cria a Casa Verde para que se possam acolher todos os que necessitam de seus cuidados. Assim como Bacamarte busca o seu *remédio universal*, a justiça que Dom Quixote busca aparece no capítulo XXII, Aventura dos Galeotes, em *Dom Quixote*, quando o cavaleiro da Triste Figura liberta os prisioneiros que iriam cumprir sua pena nas galeras:

[...] dura coisa me parece o fazerem-se escravos indivíduos, que Deus e a Natureza fizeram livres; quanto mais Senhores Guardas - acrescentou D. Quixote -, que estes pobres nada fizeram contra vós outros; cada qual lá se avenha com o seu pecado. Lá em cima está Deus, que se não descuida de castigar ao mau e premiar ao bom; e não é bem que os homens honrados se façam verdugos dos seus semelhantes, demais sem proveito. Digo isto com tamanha mansidão e sossego, para vos poder agradecer, caso me cumprais o pedido; e, quando à boamente o não façais, esta lança e esta espada com o valor do meu braço farão que por força o executeis. (CERVANTES, 2002, p.138-139).

Os motivos de suas penas não convencem a Dom Quixote de que os presos devam cumpri-la, como apontado na passagem anterior, então, juntamente com Sancho, Quixote desprende os criminosos de todas as correntes que lhes amarravam. É uma atitude ingênua de Dom Quixote, pois, pelos valores da cavalaria e sua crença de que nenhuma pessoa pode obrigar a outra a fazer um trabalho forçado, ele deveria ser reconhecido como um herói pelos prisioneiros por tê-los salvados, mas o resultado desta soltura foi os golpes que Dom Quixote recebeu de Ginés de Pasamonte, um dos prisioneiros que mais tinha penas a pagar.

Dessa maneira, podemos ver dois atos semelhantes que surgem da ingenuidade das duas personagens das obras: o médico em busca da cura universal para a “loucura” e o cavaleiro andante em busca da justiça.

A “loucura” pelas leituras científicas de Bacamarte começa a dar-nos sinais preocupantes, pois o médico não está dando a devida atenção a sua mulher a ponto de D. Evarista se sentir mais viúva do que era antes de conhecer Simão:

A ilustre dama, no fim de dois meses, achou-se a mais desgraçada das mulheres; caiu em profunda melancolia, ficou amarela, magra, comia pouco e suspirava a cada canto. Não ousava fazer-lhe nenhuma queixa ou reproche, porque respeitava nele o seu marido e senhor, mas padecia calada, e definhava a olhos vistos. Um dia, ao jantar, como lhe perguntasse o marido o que é que tinha, respondeu tristemente que nada; depois atreveu-se um pouco, e foi ao ponto de dizer que se considerava tão viúva como dantes.(ASSIS, 2006, p.107).

A cura de seu mal-estar foi uma viagem ao Rio de Janeiro, a capital que ela tanto desejava conhecer. Como D. Evarista ficou muito feliz com a ideia de que seu marido lhe propôs, podemos ver nessa passagem a atitude ridícula de um *homem de ciência*, adornada com a ironia machadiana:

Simão Bacamarte pegou-lhe na mão e sorriu, — um sorriso tanto ou quanto filosófico, além de conjugal, em que parecia traduzir-se este pensamento: — “Não há remédio certo para as dores da alma; esta senhora definha, porque lhe parece que a não amo; dou-lhe o Rio de Janeiro, e consola-se”. E porque era homem estudioso tomou nota da *observação*. (ASSIS, 2006, p.108).

A loucura do Bacamarte se prolonga: *O terror acentuou-se. Não se sabia já quem estava são, nem quem estava doido*. (ASSIS, 2006, p.120) E assim foram os critérios de Bacamarte para determinar quem era loco e quem era são estavam se dissolvendo, dentro de toda sua metodologia:

Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafalaria, um ou outro almotacé enfunado, ninguém escapava aos emissários do alienista. Ele respeitava as namoradas e não poupava as namoradeiras, dizendo que as primeiras cediam a um impulso natural, e as segundas a um vício. Se um homem era avaro ou pródigo ia do mesmo modo para a Casa Verde; daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental. (ASSIS, 2006, p. 130).

O pior ainda estava por vir. Simão Bacamarte **decidiu** internar a sua própria mulher, diagnosticando nela com “*mania suntuária*” e estava certo de que isto era *caso digno de estudo*, baseando-se nestes seguintes argumentos:

— Já há algum tempo que eu desconfiava, disse gravemente o marido. A modéstia com que ela vivera em ambos os matrimônios não podia conciliar-se com o furor das sedas, veludos, rendas e pedras preciosas que manifestou, logo que voltou do Rio de Janeiro. Desde então comecei a observá-la. Suas conversas eram todas sobre esses objetos: se eu lhe falava das antigas cortes, inquiria logo da forma dos vestidos das damas; se uma senhora a visitava, na minha ausência, antes de me dizer o objeto da visita, descrevia-me o traje, aprovando umas coisas e censurando outras. Um dia, creio que Vossa Reverendíssima há de lembrar-se, propôs-se a fazer anualmente um vestido para a imagem de Nossa Senhora da Matriz. (ASSIS, 2006, p.134-135).

E segue:

Tudo isto eram sintomas graves; esta noite, porém, declarou-se a total demência. Tinha escolhido, preparado, enfeitado o vestuário que levaria ao baile da Câmara Municipal; só hesitava entre um colar de granada e outro de safira. Anteontem perguntou-me qual deles levaria; respondi-lhe que um ou outro lhe ficava bem. Ontem repetiu a pergunta, ao almoço; pouco depois de jantar fui achá-la calada e pensativa. — Que tem? perguntei-lhe. — Queria levar o colar de granada, mas acho o de safira tão bonito! — Pois leve o de safira. — Ah! mas onde fica o de granada? — Enfim, passou a tarde sem novidade. Ceamos, e deitamo-nos. Alta noite, seria hora e meia, acordo e não a vejo; levanto-me, vou ao quarto de vestir, acho-a diante dos dois colares, ensaiando-os ao espelho, ora um, ora outro. Era evidente a demência; recolhi-a logo. (ASSIS, 2006, p.135).

Desta maneira, Simão Bacamarte agasalhou cerca de quatro quintos da população de Itaguaí, o que fez pensar que a teoria a qual estava aplicando poderia estar equivocada. Em seguida, decide fazer o contrário, pôr o um quinto que estava do lado de fora, para dentro da

Casa Verde, ou seja, as pessoas que gozavam de seu juízo perfeito, então sua nova teoria da patologia cerebral estava dividida assim: *Fez-se uma galeria de modestos, isto é, dos loucos em quem predominava esta perfeição moral; outra de tolerantes, outra de verídicos, outra de simplices, outra de leais, outra de magnânimos, outra de sagazes, outra de sinceros, etc.* (ASSIS, 2006, p.140).

De pouco em pouco, Simão foi curando as pessoas que tinham seu juízo perfeito. A mulher do boticário Crispim Soares, por exemplo, ao saber que seu marido não iria visitá-la, explodiu de raiva contra a ingratidão de Crispim; Bacamarte admirado com as palavras emitidas contra seu marido comprovou que ela já gozava de seu desequilíbrio mental e que podia receber alta daquela instituição. Com isto, o médico ficou feliz ao saber que seu último paciente havia deixado a Casa Verde, porém percebe que há algo errado: — *Mas deveras estariam eles doidos, e foram curados por mim, — ou o que pareceu cura não foi mais do que a descoberta do perfeito desequilíbrio do cérebro?* (ASSIS, 2006, p. 144)

Simão Bacamarte conclui que, na realidade, as pessoas não gozavam de seu perfeito juízo anteriormente, mas sim que o estado de desequilíbrio não era latente, logo não houve um louco sequer em Itaguaí. Em seguida, Bacamarte vê em si todas as características do perfeito equilíbrio mental, confirmada por seus amigos:

[...] pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto. Duvidou logo, é certo, e chegou mesmo a concluir que era ilusão; mas sendo homem prudente, resolveu convocar um conselho de amigos, a quem interrogou com franqueza. A opinião foi afirmativa.

— Nenhum defeito?

— Nenhum, disse em coro a assembléia.

— Nenhum vício?

— Nada.

— Tudo perfeito?

— Tudo.

— Não, impossível, bradou o alienista. Digo que não sinto em mim essa superioridade que acabo de ver definir com tanta magnificência. A simpatia é que vos faz falar. Estudo-me e nada acho que justifique os excessos da vossa bondade.

A assembléia insistiu; o alienista resistiu; finalmente o Padre Lopes explicou tudo com este conceito digno de um observador:

— Sabe a razão por que não vê as suas elevadas qualidades, que aliás todos nós admiramos? É porque tem ainda uma qualidade que realça as outras: — a modéstia. (ASSIS, 144-145).

E isto foi o bastante para que ele mesmo se internasse na Casa Verde, chegando à conclusão de sua nova doutrina: que ele reunia em si ao mesmo tempo a prática e a teoria.

Logo se dedicou ao estudo de si mesmo, porém morre passados dezessete meses, sendo considerado o único louco de toda Itaguaí. *Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco, além dele, em Itaguaí; [...] (ASSIS, 2006, p.145)*, de acordo com o conto do Machado de Assis.

5. Considerações Finais

Podemos notar que ambas as personagens das obras analisadas desenvolvem a sua loucura a partir das leituras que estavam na moda em sua época: as de Dom Quixote no século XVII e as de Simão Bacamarte no XIX. Os escritores fizeram uma crítica a suas respectivas épocas: com Simão às leituras científicas, no conto de Machado de Assis, e às leituras de cavalaria, com Dom Quixote, no romance de Cervantes; e os dois o fizeram sabiamente, denunciando os exageros existentes destas leituras obsessivas.

Contudo, o que se tentou apontar neste trabalho é que os dois escritores mostraram em seus personagens o tema da *obsessão para um bem coletivo*, desencadeado por muitas leituras. Como podemos ver em Bacamarte o qual sonhou em fazer seu remédio universal que pudesse salvar qualquer pessoa da loucura; assim como Dom Quixote que percorreu um caminho, com sua fé, em busca de eliminar as injustiças do mundo, como se fosse um cavaleiro andante de verdade, seguindo os princípios da cavalaria.

Obviamente, as obras não abarcam estes assuntos unicamente, há outros mais que poderiam levar a outros trabalhos comparativos entre *O Alienista* e *Dom Quixote de La Mancha* analisando as personagens de ambos os textos, apontando suas semelhanças, o que nos dá margem para pensar que Machado de Assis foi um leitor atento de *Dom Quixote*.

É costumeiro, inclusive, associar a obra de Machado com obras inglesas e francesas, e este trabalho propôs lembrar a influência de uma obra espanhola em torno de sua produção. A própria questão da ironia machadiana e do narrador que conversa com o leitor, por exemplo, também são características já apresentadas na obra de Cervantes.

Além disso, sabemos que Machado de Assis foi um leitor aficionado, uma pessoa que tinha uma vasta biblioteca pessoal como está catalogada no livro *A biblioteca de Machado de Assis* e que, inclusive, há a informação de que Machado possuía um exemplar de *Dom Quixote de La Mancha*. Sem dúvidas Machado de Assis aproveitou bem a idéia de Dom Quixote, transformando para a realidade de sua época, trazendo os ecos de Cervantes para o solo brasileiro.

Referências

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *O Alienista*. In: <<http://machado.mec.gov.br/>> Acesso em 23 de Junho de 2011

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. O Alienista. In: Contos Definitivos. 6ª Ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2006.
- BERNARDO, Gustavo. Verdades Quixotescas: ensaios sobre filosofia de Dom Quixote da Mancha. São Paulo: Annablume, 2006.
- CERVANTES, Miguel de. Dom Quixote de la Mancha. São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- CERVANTES, Miguel de. Don Quijote de la Mancha. Madrid: Punto de Lectura, 2008.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. Vida e obra de Machado de Assis, V.1: Aprendizado. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- PREGER, Guilherme. A Loucura da Literatura: um ensaio sobre a ficção e a leitura em Dom Quixote. In: <<http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/arquivo68.htm>> Acesso em 15 de Junho de 2011.
- VIEIRA, Maria Augusta da Costa. El Quijote em la Prosa de Machado de Assis. Bulletin of Spanish Studies, Volume LXXXI, Numbers 4-5, 2004.
- SHILLING, Voltaire. Dom Quixote: o melhor livro do mundo. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Cultura, 2005.